

# DEPORTAÇÃO NAZISTA DE HOMOSSEXUAIS: UMA VIAGEM À DOR E AO SILÊNCIO

Tiago Elídio da Silva (Mestrando, UNICAMP)

[tiagoelidio@gmail.com](mailto:tiagoelidio@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo analisa o livro *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (“Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual”, sem tradução para o português), autobiografia do único francês homossexual a falar abertamente sobre sua experiência de deportado durante a Segunda Guerra Mundial e de prisioneiro do campo de concentração nazista. É o testemunho de uma longa viagem à dor e ao silêncio.

**Palavras-chave:** literatura de testemunho, homossexualidade, nazismo

Muitas vezes, quando se fala em viagens, são evocados bons momentos e belas imagens. Mas para milhares de homossexuais que foram perseguidos pelo regime nazista e enviados a campos de concentração, as lembranças são bem diferentes, são de momentos dolorosos, sofridos e traumáticos. É o que se pode observar com a autobiografia do francês Pierre Seel, deportado ao campo de Schirmeck-Vorbrück, na região da Alsácia, o único em solo francês. Depois de anos de silêncio, resolveu contar sua história, testemunhar, denunciar. Assim, escreveu *Moi, Pierre Seel, Déporté Homosexuel* (“Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual”, sem tradução para o português).

Com a Segunda Guerra Mundial, a região da Alsácia foi tomada pelos nazistas, e em 3 de maio de 1941, ainda aos 17 anos, Seel foi capturado. Depois de ficar dez dias na cadeia da cidade, onde sofreu tortura, foi transferido ao campo de concentração de Schirmeck-Vorbrück. A primeira viagem rumo à dor. Lá, foi obrigado a usar um uniforme marcado com uma faixa

azul, que significava católico e/ou prisioneiro anti-social, ao invés do triângulo rosa, símbolo que marcava os homossexuais capturados em Auschwitz, mas que não estava sendo usado em Schirmeck. Porém, sabia-se que o eram. Os nazistas, assim, faziam uso da tortura para tentar descobrir outros homossexuais que ainda não haviam sido capturados. “L’engrenage de violence s’accéléra. Excedes par notre résistance, les SS commencèrent à arracher les ongles de certains d’entre nous. De rage, ils brisèrent les règles sur lesquelles nous étions agenouillés et s’en servirent pour nous violer. Nos intestins furent perforés. Le sang giclait de partout. J’ai encore dans les oreilles nos cris d’atroce douleur.” (SEEL, 1994, p. 39).

Podemos observar que uma importante questão presente em sua autobiografia é a da violência sofrida, das torturas. Esta é, aliás, uma das características desse tipo de escrita, pertencente à Literatura de Testemunho, que engloba as diversas narrativas de situações-limite. “Essa ética e estética da literatura de testemunho possui o corpo – a dor – como um dos seus alicerces.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 111).

Pierre Seel narra, assim, como foi o tempo que passou no campo de concentração e tudo o que foi obrigado a suportar. “Je vécu six mois de la sorte dans cet espace où l’horreur et la sauvagerie étaient la loi. (...) Elle [sua encarceração] contribua plus que tout à faire de moi cette ombre obéissante et silencieuse parmi les autres.” (SEEL, 1994, p. 58).

Seligmann-Silva afirma que, “na literatura de testemunho de um modo geral é freqüente a concepção do campo como constituindo a “única realidade” e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 110). Também vemos isso presente nas memórias de Pierre Seel: “Le rythme infernal du camp. Fait de journées répétitives ponctuées de brimades incessantes, s’était installé depuis longtemps dans mon corps, dans ma tête. Rien ne se passait si ce n’est le cycle quotidien d’atrocités tranquillement programmées par les SS.” (SEEL, 1994, p. 61).

Depois desses meses passados e sofridos no campo de concentração, foi libertado. Ele narra, em sua autobiografia, como estava seu estado mental, ao sair e andar pelas ruas de Schirmeck, rumo à estação de trem: “Une heure plus tôt, non loin de la potence, je faisais encore des gestes d’automate décérébré au milieu des cris, des chiens, des mitraillettes et des miradors” (SEEL, 1994, p. 64). E observamos em seu texto que são repassadas à escrita todas as indagações que ele se fazia ao sair de lá, narrando também como aconteceu seu retorno para casa e como se sentiu ao se deparar com sua família. “Arrivé chez moi, je sonnais comme un étranger.” (SEEL, 1994, p. 65). Estrangeiro, aquele que é diferente, que vem de um outro lugar, que não pertence a um grupo, a uma cidade, a uma família. Aquele que não compartilha os mesmos signos, não é familiar, conhecido. Estranho. Era assim que se sentia.

“Nous étions le 6 novembre 1941. Un doublé secret venait d’un seul coup de se sceller: celui de l’horreur nazie et la honte de mon homosexualité. De temps à autre, un regard glissait sur moi, plein d’interrogations sur mon aspect famélique. Qu’étais-je devenu pendant six mois ? Ainsi donc j’étais homosexuel ? Que m’avaient-ils libéré ? Ces questions naturelles, personne ne les posa. Mais quelqu’un les eût-il posées, que je n’aurais pas répondu : j’étais tenu à mon double secret. Et à ces regards silencieux, j’ai mis quarante ans à répondre”. (SEEL, 1994, p. 66).

Vemos, portanto, que foi uma viagem bem longa essa do silêncio. Antes de Pierre Seel ter sido libertado do campo de concentração, teve que assinar uma declaração em que aceitava tornar-se um cidadão alemão, como podiam fazer os alsacianos sob a ocupação. Essa era uma tática nazista, pois, com isso, foi obrigado a fazer parte do exército alemão e a lutar na guerra, durante três anos. Sua segunda viagem ao sofrimento.

“Donc la guerre, à dix-huit ans et demi, et sous l’uniforme allemand. Je ne me souviens pas de mon départ de Mulhouse ; et des trois années qui suivirent, où je traversai l’Europe en tous sens, bien des détails, des lieux, des dates m’échappent complètement. Je fais effort pour me rappeler et pour cerner les événements, mais ils s’ésquivent : oubliés ? refoulés ? C’est comme si, dans les griffes des nazis, j’avais concentré toute ma volonté dans la seule idée de survivre, et non pas de me souvenir. Seules des bribes de mémoire demeurent, aléatoires, déroutantes dans leur désordre”. (SEEL, 1994, p. 69)

Observamos, assim, em seu relato, uma memória fragmentada. Outra característica da literatura de testemunho. Isso é decorrência da situação extrema pela qual passou o sobrevivente. O filósofo Paul Ricoeur afirma, em seu livro *A História, a Memória, o Esquecimento*, que a testemunha não esteve ela mesma distante dos acontecimentos, ela não ‘assistiu’ a eles; ela foi sua vítima. E, dialogando com Saul Friedlander, escritor do livro *Probing the Limits of Representation*, o filósofo aborda a questão do limite.

“O vocábulo pode designar dois tipos de limites: de um lado, um tipo de esgotamento das formas de representação disponíveis em nossa cultura para dar legibilidade e visibilidade ao acontecimento chamado ‘solução final’; de outro lado, uma solicitação, uma exigência de ser dito, representado, elevando-se do próprio cerne do acontecimento, procedendo, portanto, dessa origem do discurso que certa tradição retórica considera como o extralingüístico, banido da terra semiótica”. (RICOEUR, 2008, p. 267).

Além disso, a violência sofrida, ou seja,

“os danos físicos infligidos das rupturas de contrato, as contestações a respeito de atribuição de bens, de posições de poder e de autoridade, e todos os outros delitos e crimes constituem outras tantas feridas de memória que demandam um trabalho de memória inseparável de um trabalho de luto visando a uma reapropriação por todas as partes do delito e do crime, apesar de sua estranheza essencial. Da cena traumática à cena simbólica, poderíamos dizer” (RICOEUR, 2008, p. 334).

Seel sofreu muitos atos violentos, e violência de toda espécie, desde corporal à simbólica. Ademais, presenciou a morte de muitas pessoas, inclusive de pessoas que amava. E também foi obrigado a matar para não morrer. Todas essas fortes impressões podem gerar traumas, que podem ser fortes demais e ser apagados ou então podem estar presentes para sempre. Permanecem mesmo quando estão inacessíveis, indisponíveis. Em seu lugar, aparecem fenômenos de substituição, sintomas que mascaram o retorno do recalcado de modos diversos, como, por exemplo, os sonhos. Além disso, percebemos também em Pierre Seel a “síndrome do sobrevivente”, termo usado por W. G. Niederland para representar uma “situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, ‘automatização do ego’,

incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 68).

Pierre Seel nos narra:

“Fantôme je revins, fantôme je restais: je ne devais pas avoir encore pris conscience que j'étais toujours vivant. Des cauchemars me visitaient la nuit et le jour, je pratiquais le silence. Je voulais oublier tous les détails et toutes les frayeurs de ces quatre années que je venais de vivre. Je revenais totalement épuisé par mes multiples affrontements avec la mort, et je constatais douloureusement l'impuissance qui avait été mienne devant la mort des autres. Une tristesse immense s'était effondrée sur moi. Et je n'éprouvais aucune envie.” (SEEL, 1994, p. 113)

Quatro anos de muito sofrimento, percorrendo vários lugares da Europa, tendo sido transformado pelos nazistas em um fantasma a serviço da morte. O armistício foi selado em 8 de maio de 1945, terminando assim a guerra. Porém sua repatriação tardou a acontecer. A demorada e burocrática volta à França ocorreu somente no dia 7 de agosto de 1945, chegando a Paris, onde ficou ainda por mais um ano, ajudando no registro dos repatriados. Enfim, depois de quatro anos, retornou a sua cidade, Mulhouse. Mas constatou: “Je commençais déjà à censurer mes souvenir et je réalisais qu'en dépit de mes attentes, en dépit de tout ce que j'avais imagine, de l'émotion du retour tant espere, la vraie Libération, c'était pour les autres” (SEEL, 1994, p. 110). Começou, portanto, uma outra viagem, a do silêncio.

Um grande fator que contribuiu para isso foi que, com o fim da guerra, o governo Charles de Gaulle modificou o código penal francês, retirando principalmente leis anti-semitas. Porém, os artigos contra homossexualidade continuaram, tornando-se ainda mais rígidos em 1962. Somente em 1981 deixou de ser ilegal na França. Portanto, as vítimas homossexuais sentiam-se inseguras para contar suas verdadeiras histórias, por medo do estigma e de possíveis ações legais, e, assim, omitiam-nas, ou mesmo mentiam. O testemunho dos homossexuais era, portanto, socialmente inaudível, impossível e perigoso. Assim, relata Seel: “Apprenant l'existence de cette loi, je compris également qu'à parler, je risquais d'être menacé du cote des tribunaux et accusé de faire l'apologie d'une sexualité 'contre nature'.”

(SEEL, 1994, p. 115). Os homossexuais somente foram reconhecidos como vítimas do nazismo há alguns anos. O governo alemão pediu desculpas, em novembro de 2000, pelas deportações e torturas sofridas. E o estado francês reconheceu somente em abril de 2001 as perseguições sofridas por eles durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim, depois de anos de auto-censura, silêncio e solidão, Pierre Seel resolve tentar levar uma vida “normal”. E, para isso, acreditava que o casamento era a solução. Desse modo, Seel casou-se, em 1950, tendo, mais tarde, três filhos. No entanto, tudo isso havia sido apenas uma ilusão. Anos depois, percebendo que não havia dado certo sua tentativa e sentindo-se muito angustiado, resolveu quebrar o silêncio. E aqui vemos outra marca muito importante da literatura de testemunho. A narrativa

“é tecida como uma forma de se ‘libertar’ do passado como também se desdobra como um doloroso exercício de construção da identidade. Ela é uma narração necessária tanto em termos individuais como também – pensando universalmente – deve funcionar como um testemunho para a posteridade. Ela é um ato subjetivo e objetivo, psicológico e ético” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 114).

Testemunhar foi algo que lhe fez bem. “Je reconnais que tout cela me rassura. Je me sentais soudainement entouré d’un nouveau respect pour mon identité. Et moi-même, je me regardai avec davantage de dignité. Sans doute parce que j’avais désormais un devoir: faire reconnaître la déportation des homosexuels.” (SEEL, 1994, p. 159).

Bella Josef nos diz que “o testemunho nasceu, muitas vezes, da necessidade de apresentar o lado escondido da história, a dos dominados em oposição à dos dominadores.” (JOSEF, 1999, p. 298). Ela afirma também que, partindo-se do pessoal, tenta-se superá-lo para impor uma problemática coletiva, que foi justamente o que fez Seel. Ao falar de si e prestar seu testemunho, busca resgatar a memória coletiva desse grupo que, assim como ele, foi perseguido pelo fato de ser homossexual. O “eu” representa, assim, também os outros; temos um passado particular que pode ser visto também como coletivo.

Portanto, Pierre Seel dá voz a esse coletivo do qual fez parte, buscando que a justiça seja feita. Segundo Paul Ricoeur, é esta que transforma a memória em projeto, extraindo das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo.

“É preciso primeiro lembrar que, entre todas as virtudes, a da justiça é a que, por excelência e por constituição, é voltada para outrem. (...) O dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si. (...) O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, que não são mais, mas já foram.” (RICOEUR, 2008, p. 101).

Essa é uma outra característica extremamente relevante da literatura de testemunho, pois ela existe apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. “A verdade e a utilidade são, portanto, fundamentais.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88). Busca-se um registro da história, da opressão, e há uma simbiose entre memória e história.

Assim, vemos que a autobiografia, como afirma Phillippe Lejeune, “é feita para transmitir um universo de valores, uma sensibilidade ao mundo, experiências desconhecidas, e isto no quadro de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional.” (LEJEUNE, 2003, p. 53-54). E, portanto, inscreve-se tanto no campo do conhecimento histórico, pelo desejo de saber e de compreender; no campo da ação, pela promessa de facultar esse conhecimento aos outros; como também na área da criação artística, afinal trata-se de um texto literário.

De acordo com Georges Gusdorf, as *Memórias* propõem uma crônica pessoal do devir histórico, colocando a ênfase sobre a ordem das coisas, ao invés da subjetividade própria do narrador. “Sans doute réagit-il à l'événement avec une certaine complaisance à soi-même, qu'il n'a pas besoin de dissimuler, mais l'intérêt principal se porte sur les événements politiques, militaires, diplomatiques auxquels le rédacteur a été mêlé” (GUSDORF, 1991, p. 252).

Gusdorf diz também que a autobiografia permite ao historiador ver a realidade com os mesmos olhos dos que a viveram. No entanto, há uma relação objetiva dos acontecimentos de

que o autor participou, pois busca ser uma testemunha destinada a trazer uma contribuição à história de seu tempo, mesmo estando inscrito no interior de suas lembranças. Seel afirma: “Témoigner, tout dire, demander réhabilitation de mon passé, de ce passé qui était aussi celui de tant d’autres, oubliés, enfouis dans les heures noires de l’Europe. Témoigner pour protéger l’avenir, témoigner pour faire cesser l’amnésie de mes contemporains” (SEEL, 1994, p. 156-157).

A autobiografia de Pierre Seel é, deste modo, um importante texto, tanto em termos literários, quanto em termos de documento histórico. Ricoeur afirma que “não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente” (RICOEUR, 2008, p. 156). Seel escreve justamente para dar seu testemunho. Para fazer visíveis as crueldades sofridas pelos homossexuais, recuperando, assim, a memória de um passado de repressão, e buscando o reconhecimento desse grupo, considerado como o mais inferior, pelos nazistas, e por muitas pessoas ainda hoje. E é justamente contra a repetição dessas situações de barbárie que Seel escreveu a história de sua vida, a história das difíceis viagens rumo à dor e ao silêncio.

**ABSTRACT:** This article discusses the book *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (*Liberation Was for Others: Memoirs of a Gay Survivor of the Nazi Holocaust*, in its English version), autobiography of the only French homosexual to openly speak about his experience of deported during the Second World War and prisoner of a Nazi concentration camp. It is the testimony of a long journey to pain and silence.

**Keywords:** literature of testimony, homosexuality, Nazism

## REFERÊNCIAS

GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Ed. Odile Jacob, 1991.

JOSEF, Bella. “(Auto)biografia: os territórios da memória e da história”. In LEENHARDT, J. e PESAVENTO, S. (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LEJEUNE, Phillipe. “Definir Autobiografia”. In MORÃO, P. (org.). *Autobiografia. Auto-representação*. Lisboa: Fac. Letras de Lisboa, 2003.

RICOEUR, Paul. *A memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SEEL, Pierre; LE BITOUX, Jean. *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. Paris: Éditions Calmann-Lévy, 1994.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.